

A COVA EIRÓS. UM BEM PATRIMONIAL EM RISCO

FIGUEROA PANISSE, ADELA
ADEGA-Lugo

A Cova Eirós, é uma gruta escavada no maciço karstico das montanhas de Triacastela. Nas proximidades das aldeias de cancelo e Vilavelha.

Este sistema calizo faz parte da banda que, penetrando em Galiza desde Astúrias, passa por Mondonhede e vai até Pedrafita. Os montes do Iribio que dominam a zona, são uma parte do Courel- O Incio. Os afloramentos de Caliza são pouco frequentes na Galiza, e, nestes ambientes existe a possibilidade de conservar restos de origem orgânico que, nos terrenos ácidos que são os dominantes, nunca haveria. Por isso a Cova Eirós representa uma grande possibilidade para os achados quer arqueológicos, quer paleontológicos. E, velai que lá existem ambos.

A Cova já tinha sido descoberta por Isidro Parga Pondal, o primeiro em explorar as rochas deste maciço para tirar dele a pedra calcária, que depois foi utilizada para fabricar os cimentos de tipo Portland na fábrica do Oural. Pertencente esta, no início ao grupo Fernandez, (Celtia, Pescanova, Granxa do Louro, Transfesa, etc) foi passando para outras mãos : Cimpor- Cimentos de Portugal, e hoje pertence ao grupo Votoratim. Uma grande Multinacional de origem Brasileira que ramifica as suas atividades em múltiplas iniciativas (Banco, Construção, Betão, ou Cimento.) .

Na atualidade a Cova de Eirós manifesta-se como um jazigo de grande riqueza arqueológica e paleontológica.

As primeiras pinturas rupestres da Galiza foram ali encontradas. E, aparecem restos de habitação humana que vão até mais de 118000 anos. (na campanha deste verão apareceu uma segunda de idade maior) Numerosas instrumentos de industria lítica foram atopados na entrada da cova, junto com os restos de lares destas fogueiras.

Quer isto dizer que a gruta foi habitada por homens do Neandertal (paleolítico médio) e do gênero Homo Sapiens Sapiens (Paleolítico superior).

O interessante desta cova é que mantém restos de ocupação que atravessam os tempos, quase sem interrupção até os nossos dias..

Pólos restos fósseis de animais encontrados, sabemos como era a fauna e como foi mudando até os nossos dias. Aparecem também restos polínicos que nos dão idéia das variações climáticas que a espécie humana teve de atravessar até chegarmos aos nossos dias.

Há um iato sedimentar estéril, desde o ponto de vista arqueológico e paleontológico que corresponde com a última glaciação, (Wurn) em que a cova deveu ficar completamente coberta por gelo . Mas há restos anteriores e posteriores. De maneira que semelha que a cova estiver na memória do inconsciente humano, para voltar a ser ocupada em quanto as condições climáticas permitirem a vida dos seres humanos na região.

O que faz a esta cova tão interessante, é que a sua ocupação é quase permanente (a exceção da última glaciação) até nossos dias. Sendo utilizada também no medievo, em que aparecem pinturas desta época, e recentemente, como celeiro ou armazém do povo..

Para além desta cova há outras no contorno que ainda não foram investigadas, mas que esperam também a sua oportunidade.

É de supor que os grupos humanos espalhados pelo território não se limitariam ao pequeno grupo habitante duma gruta. O perigo das povoações pequeno é o alto grado de consangüinidade que se produz a causa da endogamia e que dificulta a sobrevivência do grupo. Por causa do alto numero de mutações de tipo recessivas que acabariam por aparecer, e a pouca variabilidade genética que faz mais vulneráveis as populações.

Por isso os seres humanos sempre procuraram encontros de uns grupos com outros. Isto está documentado desde há muito tempo. Estes encontros, que poderiam ser estacionais favoreceriam o intercambio genético das populações o que garante a sobrevivência do conjunto.

A cova de Eirós é, de momento, a primeira em que aparecem restos de habitação humana tão antiga. Mas, noutras covas do Courel também apareceram restos humanos, ainda que não tão antigos como os de Eirós.

Ainda mais, na campanha deste verão, parece que pode haver certeza de que os restos de Neandertais atopados poderiam ser os últimos da Europa.

Até há bem pouco pensava-se que os indícios de Homo Neandertaloide, mas modernos, estavam nos jacigos de Gibraltar. Parte deles cobertos já pólas águas do mar, pois o mar tem subido bastante desde então. .

Mas, se se confirmar a idade dos encontrados em Eirós, teríamos aqui a representação derradeira dos Neandertais . O único home que se considera de origem europeu.

Ainda, pode haver indícios de co- habitação de homo Neandertaliensis e Homo Sapiens Sapiens. Para além dos restos arqueológicos, a cova encerra também grande valor como guarda de restos paleontológicos, entre os quais os de Ursus Speleaus, ou urso da Caverna não são de somenos importância. Encontraram-se cá a maior quantidade de restos de ursos das cavernas da península (um monto de 40 individuos). O que também nos indica que este era o nível mais ocidental deste espécim. Rabunhaduras de zarpados de ursos parecem nas paredes do recinto mais interior da cova que se tem explorado. Indícios também de Leão das cavernas e outros mamíferos, grandes e também pequenos.

Fosseis desta pequena fauna aparecem na zona das fogueiras. Como restos dos alimentos dos humanos habitantes.

Mas a Cova Eirós está em perigo, como a da Graxeira e outras do sistema Karstico do ocidente galego.(Covas de Vale, Valdavara, etc)

Para esta cova, o perigo é a pedreira que está a tirar pedra calia para fabricar cimento em Oural, (Cimentos Cosmos)

O nível de trabalho atual situa-se a menos de 50 metros do teto da cova.

Com o regime pluviométrico desta zona, as infiltrações acabam por entrar, desprotegido o seu teto de massa de terra e de vegetal. Vimo-lo nas coladas das paredes tapando grafitis bem recentes que as “adornam”. Pola parede escoam águas com argila em suspensão junto com Carbonato de cálcio que acaba por cobri-las e com elas o que ali pudesse estar gravado. Isto é o normal em toda caverna, mas é que agora o fenómeno está muito acelerado pola dês -proteção em que os trabalhos da mineração a têm deixado.

É urgente atuar em Cova Eirós para parar os trabalhos sobre a cova. Para delimitar um perímetro de cautela em que maquinas nunca deveram trabalhar. Para desenhar um restauro da coberta vegetal e de terra que recupere a proteção da cova. É necessário que esta seja declarada BIC já.

E não só para esta cova. Mas para todas as do contorno, visto que, se numa gruta aparecem restos de habitação humana o mais provável é que o façam também noutras. Os grupos humanos necessitam encontrar-se para intercambiar utensílios, e genes que garantam a sobrevivência do conjunto.

E, posto que as excavações mostram que seres humanos habitaram em Eiros por tanto tempo. Isso faz supor que teriam outros grupos com os que fazer estes intercâmbios.

Por tanto pedimos e exigimos que as covas, na Galiza, sejam todas elas objeto de especial proteção. Porque guardam o nosso passado e são um Patrimônio, não só galego, mas de toda a humanidade.